

A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

Como citar este texto: MESQUITA, Giovana Borges; MEDEIROS, Frida Bárbara Leite; CERETTA, Kellen Ayana Alves; TROVÃO, Kataly Alencar; ALENCAR, Quezia da Silva. A Gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 07, n. 02, pp. 58-74, jul./dez. 2016.

A Gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

*Giovana Borges Mesquita*¹

*Frida Bárbara Leite Medeiros*²

*Kellen Ayana Alves Ceretta*³

*Kataly Alencar Trovão*⁴

*Quezia da Silva Alencar*⁵

58

Recebido em: 04 de outubro de 2016.

Aprovado em: 16 de novembro de 2016.

Resumo

Da primeira transmissão no Brasil aos dias atuais, a tecnologia foi mudando o fazer radiojornalístico, seja na apuração, produção e veiculação da notícia, ou na relação do veículo com seus ouvintes. Tendo a mobilidade como uma de suas características, o jornalismo no rádio tem a possibilidade de assumir uma atitude mais presente no campo dos acontecimentos, sobretudo após a incorporação do telefone celular e mais recentemente com

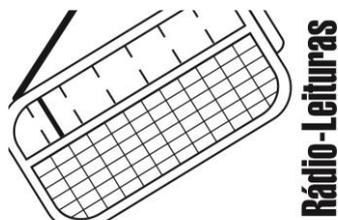
¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, com estágio doutoral na Universidade Pompeu Fabra de Barcelona. Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Coordenadora do Programa de Rádio Imperatriz 50 graus e do Grupo de Pesquisa Dinâmicas do Jornalismo giovanamesquita@yahoo.com.br

² Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas do Jornalismo (UFMA) frida_barbara@hotmail.com

³ Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas do Jornalismo (UFMA) ke.ceretta@gmail.com

⁴ Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas do Jornalismo (UFMA) natytravao@hotmail.com

⁵ Integrante do Grupo de Pesquisa Dinâmicas do Jornalismo (UFMA) queziz.alencar@gmail.com



a presença nas redes sociais e com a apropriação de aplicativos, como o *Whatsapp*, o que permite mais agilidade na coleta e na transmissão das informações diretamente do local da notícia, além de incluir o ouvinte na rotina produtiva. Dessa forma, o objetivo do artigo é refletir sobre essas mudanças no radiojornalismo em Imperatriz, segunda maior cidade do Maranhão, a partir da análise de duas emissoras locais.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; Notícia; Interatividade.

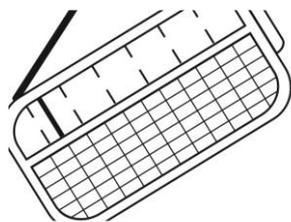
Introdução

O artigo se propõe a analisar as mudanças que estão se refletindo tanto na maneira como as notícias têm chegado até os ouvintes, como na forma que os profissionais estão trabalhando as informações vindas de diversas fontes interessadas em interagir com o rádio de uma maneira mais potencializada.

Iniciamos o trabalho com uma pesquisa bibliográfica, seguida por observação direta com a inserção em campo para apuração de dados e técnicas de entrevista semi aberta, que caracterizam a pesquisa como etnográfica (ECKERT e ROCHA, 2008). Foram analisadas duas emissoras de rádio imperatrizenses: a Mirante FM, por ser a maior em audiência na cidade de Imperatriz (segunda cidade mais importante do Estado do Maranhão) e a Nativa FM, pioneira na cidade em implantar o jornalismo em FM.

Das primeiras transmissões radiofônicas até os dias atuais, muitas foram as tentativas e práticas que buscaram aproximar o ouvinte da programação do rádio, seja em reportagens de rua, leitura de cartas, ligações telefônicas ou pelo envio de mensagens por correio eletrônico e pelo *Whatsapp*. Os recursos tecnológicos ao serem explorados pelas emissoras de rádio ensaiam uma interatividade já antevista por Bertolt Brecht (ORTRIWANO, 1998).

É comum fazermos a associação da interatividade com o surgimento da Internet, mas entre as décadas de 1920 e de 1930, Bertolt Brecht já chamava a



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

atenção para a capacidade de interatividade do rádio. Em seus escritos, intitulados “Teoria do Rádio”, Brecht afirmava que:

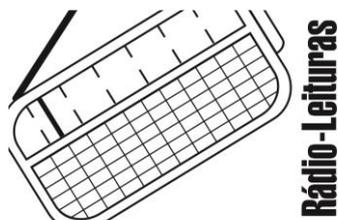
É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio será o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele (BRECHT, 2005, p. 42).

A tecnologia foi mudando a rotina radiojornalística, seja na apuração, produção e veiculação da notícia, ou na relação do veículo com seus ouvintes. O jornalismo no rádio pode assumir uma atitude mais dinâmica e mais presente no campo dos acontecimentos, sobretudo após a incorporação do telefone celular e mais recentemente com a presença nas redes sociais e apropriação de aplicativos, como o *Whatsapp*, o que permite mais agilidade na coleta e na transmissão das informações diretamente do local da notícia, além de incorporar o ouvinte na rotina produtiva.

No artigo refletimos ainda sobre aspectos importantes com relação ao desenvolvimento do rádio ao longo da História e como essas transformações têm influenciado no jornalismo radiofônico local.

Percurso metodológico

Inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema pesquisado, a fim de adicionar conhecimentos já existentes sobre o jornalismo radiofônico que pudessem nortear a pesquisa. A escolha das rádios foi feita baseando-se na audiência e no pioneirismo, sendo a Mirante a escolhida por ter a maior audiência na cidade de Imperatriz e a Nativa pelo seu pioneirismo em implantar o jornalismo na FM.



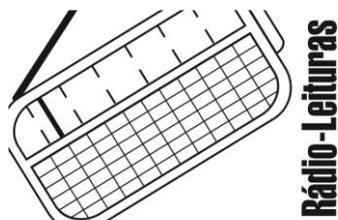
No que diz respeito aos métodos utilizados, optamos pela pesquisa de campo etnográfica, que para Eckert e Rocha:

Responde a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que integram no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa de observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 01).

Como parte da observação em campo foram feitas observação direta da rotina jornalística nas rádios, durante uma semana do mês de junho de 2016, e aplicação de entrevistas semiabertas realizadas nas respectivas emissoras com o Coordenador de Jornalismo e Artístico da Rádio Nativa, Vagner Rêgo; o radialista da Rádio Nativa, Arimatéia Júnior; com o Gerente de Jornalismo da Rádio Mirante, Francisco Silva de Sousa; com o Coordenador de Conteúdo da Rádio Mirante, João Rodrigues, profissionais responsáveis tanto por decisões editoriais, quanto por funções administrativas. Com as entrevistas, pudemos entender como os profissionais lidam com as informações vindas dos ouvintes pelos aplicativos e pelas redes sociais.

O rádio e as tecnologias

Meio essencialmente interativo, o rádio ao longo de sua história buscou manter sempre um diálogo com o ouvinte. Felice (1981, p. 77) registra, na década de 1960, a transmissão do Programa “Pergunte ao João”, veiculado pela Rádio Jornal do Brasil, e estruturado com perguntas enviadas pelos ouvintes. “Se a pergunta fosse respondível, ou seja, caso a resposta não tivesse implicações com as normas estabelecidas pelo



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

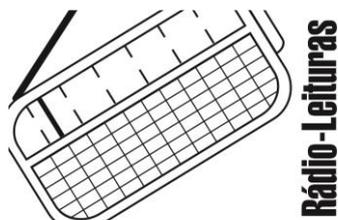
Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

Ministério da Justiça, ela seria dada” (FELICE, 1981, p. 77). Iniciativa semelhante foi apresentada pela Rádio Panamericana, de São Paulo, através do Programa “Show da Manhã”, em que foi montada uma rede de trocas de informações com o ouvinte, na qual eram compartilhadas “desde receitas culinárias a fontes de pesquisa para trabalhos escolares” (ORTRIWANO, 1985, p. 24).

A partir da década de 1970, como destaca Lopez (2010), o ouvinte passa a interagir com o rádio de forma síncrona com muito mais frequência. Segundo a autora, “essa potencialização da presença do ouvinte se deu devido à popularização do telefone” (LOPEZ, 2010, p. 40). Num primeiro momento, a interatividade se dava através do telefone fixo e, anos mais tarde, através do uso do telefone celular e de seus novos recursos.

Na década de 1980, também amparado pela eletrônica, o rádio segue um novo caminho: a especialização das emissoras e a segmentação dos públicos. Seguindo os modelos norte-americanos, a segmentação intensifica-se com a chegada ao Brasil da tecnologia responsável pelas emissões em Frequência Modulada (FM). A partir de então, as emissoras FM, principalmente pela qualidade sonora, voltam suas programações para a transmissão de música, enquanto as rádios AM concentram-se no jornalismo, nas coberturas esportivas e na prestação de serviços à população (FERRARETTO, 2001). Com um custo de transmissão inferior, permitindo aumento considerável do número de emissoras em operação, a FM possibilita ao rádio desenvolver um dos elementos essenciais em sua busca pela sobrevivência diante da televisão: o aspecto local, demonstrando a importância da audiência para sua evolução (ORTRIWANO, 2002-2003).

O rádio ainda mais móvel com o celular



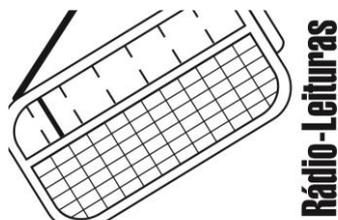
Sendo menos complexo do que a televisão, do ponto de vista da transmissão técnica, o rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir as informações mais rapidamente do que qualquer outro meio. Com as unidades moveis de transmissão e o celular acessado a internet as emissoras potencializaram essa mobilidade possibilitando a transmissão a partir de qualquer lugar.

A popularização do telefone móvel e a consequente melhoria na qualidade e alcance do sinal possibilitaram que os repórteres fossem localizados a qualquer momento e mobilizados para uma cobertura factual, tornando as fronteiras de transmissão, com as unidades móveis, mais tênues do que as anteriores (LOPEZ, 2009). Os telefones celulares passaram a ser uma ferramenta de trabalho fundamental para o radiojornalista, com qualidade de áudio superior aos telefones fixos e com a vantagem de possibilitarem a mobilidade.

Com a convergência dos meios, o celular possibilitou também a produção, não só de áudios, mas também de vídeos, fotos e a conexão com a internet para envio imediato de textos e arquivos, entre outras funcionalidades.

Mas um dos aspectos mais fortes do uso do celular não vem do campo da emissão e sim, da recepção. Com o acesso a telefonia móvel e a internet, os ouvintes tiveram maiores possibilidades de interatividade com as emissoras de rádio, quer através das redes sociais ou de aplicativos de mensagens, a exemplo do *Whatsapp*, tudo em tempo real.

Do ponto de vista do consumo, o celular, transformado no “radinho de pilha atual”, além de mobilidade possibilitou aos ouvintes uma maior autonomia na apropriação dos conteúdos. Dessa forma, o ouvinte passou a consumir os conteúdos habituais produzidos pelo rádio, além de outros formatos como o *podcasts* ou *newsletters*, quando tivesse interesse. O aparelho celular, inicialmente presente somente na apuração no radiojornalismo, hoje expande suas potencialidades (ZUCHI, 2004).



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

O rádio chega à internet

Com a internet, um novo debate passou a tomar conta dos profissionais da radiofonia e do meio acadêmico. A internet significaria a morte do rádio? As mídias como rádio, TV e jornal teriam existência apenas no computador em um futuro próximo? (PRATA, 2008). Longe de um consenso, uma palavra tomou conta do debate: convergência.

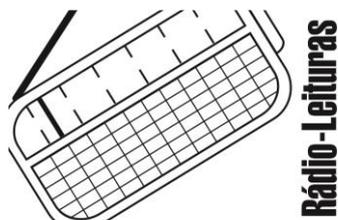
No caso do rádio, falar de convergência significa falar de pluralidade, que inclui ouvintes dispersos geograficamente, não mais passivos, e modelos onde a rede é a palavra-chave (CEBRIÁN- HERREROS, 2001). “O rádio nesse ambiente expandiu o *dial* e seu alcance passou a ser mundial” (BIANCO 2012, p. 16).

Cebrián Herreros (2001) ressalta que no modelo convergente de rádio integram-se os serviços sonoros, visuais e escritos. É o modelo de rádio integrado à internet ou multimídia.

A ascensão da internet como plataforma de comunicação contribuiu também para o surgimento de um novo ouvinte de rádio: o ouvinte-internauta, como indica Lopez (2010, p. 115):

O rádio não fala mais para um ouvinte passivo, mas para alguém que deseja participar, contribuir – mais do que fazia até então. O ouvinte – agora também internauta – busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar. Mais do que nunca, o ouvinte participa.

Lopez (2010) defende que o aumento das ferramentas de participação permite que ouvinte e comunicador dialoguem mais constantemente, o que resulta numa troca de informações de forma mais direta, bem como num “aprimoramento da produção jornalística” (LOPEZ, 2010, p. 129).



Segundo a autora, a utilização destas novas ferramentas de comunicação via internet age como uma “[...] potencialização da interação do rádio, abrindo novos canais para a participação” (LOPEZ, 2010, p. 52).

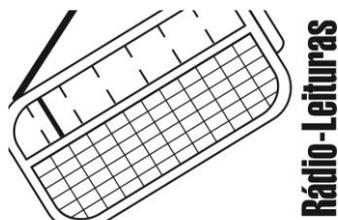
Ao explorar as ferramentas digitais disponíveis na internet o rádio abre novas possibilidades de relação com o ouvinte e, este, apropriando-se destes espaços de interação assume uma postura muito mais ativa, crítica e participativa (LOPEZ, 2010).

Como observa Mesquita (2014), pessoas que não cursaram jornalismo, nem necessariamente trabalham na área de comunicação, foram se familiarizando em registrar conteúdos da atualidade, compartilhá-los e amplificá-los. Como a natureza do jornalismo está identificada com a atualidade, muitos desses conteúdos, produzidos por não profissionais, passaram a interessar e, mais do que isso, foram incorporados pelo campo jornalístico.

Nas ondas da história do rádio em Imperatriz

Imperatriz é a segunda maior cidade do Maranhão com mais de 253 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A cidade reúne a maior quantidade de rádios da região Tocantina (que abrange os municípios localizados à margem do Rio Tocantins, reunindo os estados do Pará, Maranhão e Tocantins). Com uma programação voltada ao público das zonas urbanas, como também rurais, o rádio é um dos meios de comunicação mais difundidos na cidade, pois suas ondas sonoras chegam à lugares onde não se tem acesso à televisão e, muito menos, à internet.

A primeira emissora legalizada da cidade, a Rádio Imperatriz Sociedade Limitada surgiu no ano de 1978 em plena ditadura militar. O advogado e radialista Moacyr Spósito Ribeiro, que morava em Fernandópolis, no estado de São Paulo, conseguiu a concessão da rádio com o apoio político de Edison Lobão e do, na época senador, Henrique de La Rocque. Apesar do atual cenário brasileiro, Imperatriz passava



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

por um favorável período econômico. E isso chamou a atenção de Moacyr Spósito Ribeiro (BRITO, 2013).

Assim, no dia 28 de outubro de 1978, entrava no ar a Rádio Imperatriz. Um momento marcante para os imperatrizenses, aguardado com ansiedade e curiosidade.

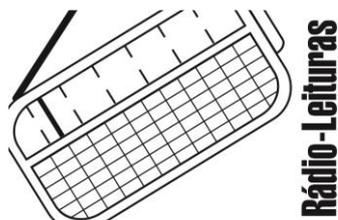
A primeira transmissão foi gravada em partes: uma no estúdio da Rádio Imperatriz e outra na Rádio Difusora de Fernandópolis. Tanto os imperatrizenses, como os fernandopolenses ouviram ao mesmo tempo o primeiro programa da emissora. Um momento carregado de emoção (BRITO, 2013).

Um dos pontos que deram destaque a emissora foi a atuação jornalística. Entre os programas jornalísticos era veiculado o Café da Manhã, o Jornal dos Municípios, a Sentinela Policial e o Jornal 890. Para os amantes do esporte, a rádio apresentava um programa esportivo depois do jornal do meio dia e à noite, com informações sobre os campeonatos, jogos, times, incentivo à participação dos times locais em eventos esportivos, entre outros assuntos (BRITO, 2013).

A história da rádio foi marcada por momentos alegres e trágicos. Dentre os primeiros, a promoção do show do rei Roberto Carlos. As trágicas foram o incêndio ocorrido em 28 de fevereiro de 1983 e a morte do proprietário, que encerrou um ciclo de 27 anos de informação e entretenimento para os ouvintes da Rádio Imperatriz (BRITO, 2013).

Duas rádios maranhenses e um novo perfil de ouvinte

Fundada em 16 de dezembro de 1986, a Rádio Mirante faz parte do Sistema Mirante de Comunicação. Atualmente, o sócio majoritário é Paulo Guimarães que comprou ações de Fernando Sarney, fundador da rádio Mirante em Imperatriz. A emissora funciona na frequência 95,1. Já a rádio Nativa FM (99,5) foi fundada pelo empresário e político, Raimundo Cabeludo, no mês de novembro de 1989. Ela foi



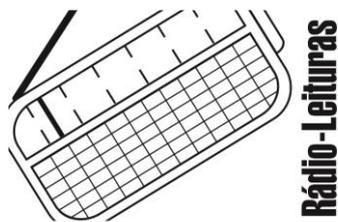
pioneira na frequência modulada a transmitir programa jornalístico em Imperatriz. Como vem acontecendo com diversos veículos num cenário nacional, as rádios locais tiveram que se adaptar a um novo perfil de ouvinte, que não se contenta só em ouvir um programa, mas que também quer interagir. Uma interatividade que vai além de um pedido de música, ou de um recado para um parente. Uma interatividade com a produção radiojornalística. Atentas a essa realidade, as rádios locais estão apostando neste envolvimento do ouvinte, que passa a “ter voz” nos programas seja opinando, ou informando.

Os profissionais das rádios entendem esses ouvintes que se envolvem com a produção radiojornalística como fontes, não participando da produção da notícia, uma vez que as informações têm que ser filtradas e apuradas, porque em sua maioria trazem uma única versão dos fatos.

Em artigo publicado em 2011, na Revista Estudos de Comunicação, referimo-nos a esse cidadão não como fonte, mas como mediador público, ou seja, homens e mulheres que de uma forma ou de outra passam a intervir no processo de produção da notícia. São os coprodutores da notícia que, por meio do uso de suas câmeras, celulares ou máquinas fotográficas digitais, vêm dialogando com os jornalistas que trabalham em várias mídias (internet, rádio, jornal ou televisão) e, também, com outros cidadãos como ele (VIZEU & MESQUITA, 2011). Deixando claro, no entanto, que não consideramos que esse ouvinte desempenhe o papel de jornalista.

Segundo o gerente de rádio da Mirante FM, Francisco Sousa as rádios têm aberto mais espaços para que os ouvintes possam participar. E os ouvintes, com acesso aos diversos aparatos tecnológicos e a internet, estão cada vez mais interativos. Ele ressalta:

Nós temos o *Whatsapp* da rádio e tudo que está acontecendo na cidade costuma ser mandado nos grupos. O que fazemos é checar a veracidade da informação para depois divulgar. Nós temos também um portal, que é o Imirante, onde as notícias são quase simultâneas



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

(...). Temos uma equipe atuante para recolhimento dessas notícias (SOUSA, 2016).

Na entrevista às autoras do artigo, o Coordenador de Jornalismo e Artístico da Rádio Nativa FM, Vagner Rêgo, que há 29 anos trabalha na emissora, ressaltou a importância da rádio modificar-se e “adaptar-se aos novos tempos para não se manter estagnada e perder espaço para as novas tecnologias” (RÊGO, 2016).

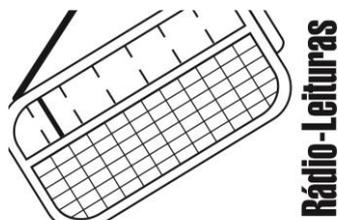
Na pesquisa de campo, observamos que o encolhimento das equipes profissionais nas duas redações radiojornalísticas está fazendo com que muitas das informações locais não chegam às emissoras por meio dos repórteres, mas por meio de ouvintes diretamente afetados por um fato. Esses ouvintes utilizam-se de aplicativos como *Whatsapp* para denunciar ou opinar sobre diversos acontecimentos. Dessa forma, a incorporação desses conteúdos vindos dos ouvintes favorecem as emissoras, que além de utilizarem-se de uma “mão-de-obra” gratuita, têm acesso a diversos olhares sobre a realidade, em tempo real.

Nas entrevistas, os profissionais das duas rádios afirmaram ter “um certo cuidado” com as informações (fotos, vídeos, áudios) que chegam pelas redes sociais, principalmente as que chegam pelo aplicativo *Whatsapp*.

Vagner Rêgo (2016) da Rádio Nativa explica quais são esses cuidados:

A gente dá a notícia sem apurar quando a fonte que manda pra gente tem algum respaldo. Por exemplo, em um acidente ela manda uma foto do acidente, da rua, do local. Aí a gente coloca. Mas no mesmo tempo que a notícia está sendo lançada a nossa equipe chega lá.

O gerente da Rádio Mirante, Francisco Sousa quando perguntado sobre as informações e/ou reclamações que chegam dos ouvintes à redação da rádio afirma que as informações vindas dos ouvintes são repassadas para o jornalismo. Sousa (2016) explica que:



No departamento de jornalismo, as pessoas competentes vão atrás das informações para apurar e quando voltam a notícia vai ao ar, mas só depois que é apurada. Temos o departamento de jornalismo, que é da TV, do portal de notícias e do rádio, e que funciona como um centro de captação de dados. Qualquer coisa que recebemos, através de redes sociais e aplicativos, é passada pra esse departamento. Às vezes eu estou em casa e recebo uma informação, ligo para o departamento de jornalismo e o repórter vai atrás. Nós não temos essa autonomia de pegar uma notícia, nua e crua, e jogar no ar, sem checar.

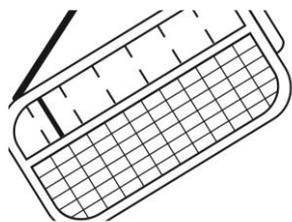
***Whatsapp*: um canal entre o ouvinte e o jornalismo radiofônico**

Nas visitas feitas aos estúdios das rádios imperatrizenses percebemos a constante utilização do aplicativo *Whatsapp*. De acordo com os entrevistados, o uso do aplicativo tem o objetivo de promover uma maior interatividade entre o ouvinte e a emissora. O aparelho celular contendo o *Whatsapp* é conectado ao computador através de uma função do próprio aplicativo.

Quando perguntado sobre a incorporação do aplicativo à rotina produtiva da emissora, o gerente da Rádio Mirante, Francisco Sousa explica:

Ele foi incorporado com o intuito de interagir com o ouvinte. Para o ouvinte mandar mensagem, pedir uma música, para sabermos quais bairros estão nos ouvindo. Tudo isso. Ele é um termômetro, uma espécie de aferidor da nossa audiência (SOUSA, 2016).

O aplicativo tem uma função, na qual qualquer pessoa pode criar um grupo e adicionar até 256 pessoas. Os profissionais da Rádio Mirante fazem uso dessa função com intuito de interagir e receber informações regionais. Pessoas de vários cantos da cidade, e também de cidades vizinhas, participam desses grupos e diariamente mandam algum tipo de informação da área policial à cultura. É o que assegura o



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

gerente da Rádio Mirante. “Diariamente chegam fotos de algum homicídio, de algum acidente. (...) As coisas se propagam muito rápido. Você está na rua e vê alguma coisa. Publica em um grupo e o conteúdo já espalha-se para outros grupos” (SOUSA, 2016).

Já os profissionais da Rádio Nativa não utilizam esse tipo de função do aplicativo pela dificuldade de manter grupos exclusivamente para receber informações. Como afirma Vagner Rêgo:

A gente pensou em ter um grupo no *Whatsapp* só que era difícil conseguir fazer que só circulassem informações. Era difícil restringir outros pedidos, como por exemplo, de músicas, além de que também seria muito difícil dar conta das pessoas de todas as cidades que a rádio alcança (RÊGO, 2016).

A Rádio Nativa, no entanto, disponibiliza o aplicativo para que qualquer pessoa mande mensagem diariamente, informando ou interagindo com a produção jornalística. O coordenador de Produção da Rádio Nativa, Vagner Rêgo quer intensificar o uso do aplicativo e informou, durante a entrevista, que vai criar o “Motolink”. Rêgo (2016) explica:

É um repórter, que circulará a cidade em uma moto e estará nas ruas de Imperatriz conectado ao *Whatsapp*. Assim que souber de alguma informação, como um acidente, por exemplo, ele prontamente irá se dirigir ao local. Chegará mais rápido do que a ambulância. Ele pode falar, filmar, fazer tudo (RÊGO, 2016).

A interação com o ouvinte nem sempre foi assim. Nas décadas anteriores, essa relação ouvinte-emissora de rádio se dava praticamente por meio de cartas e do telefone fixo. Os profissionais entrevistados relembram que para produzir notícias, o repórter ia às ruas, com o gravador de fita cassete, atrás de informações. Visitava

delegacias, hospitais... Às vezes acontecia de alguém ir até as redações jornalísticas levando algum caso. O gerente da Rádio Mirante relembra:

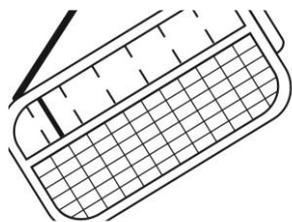
Notícias, até onde lembro, não chegavam por carta. Mas nos anos 80 e 90, nós recebíamos muitas cartas procurando pessoas, que foram embora da cidade. Querendo saber informações de algum parente. As cartas chegavam e o locutor lia no ar, esperando o contato de algum parente pra dizer que estava vivo ou que estava morando aqui na cidade. Fazíamos esse intercâmbio, esse encontro. Até o início dos anos 2000 ainda recebíamos cartas de alguns ouvintes do interior, principalmente para a rádio AM. Mas as cartas que chegavam eram mais de ouvintes pedindo música e pedindo notícias de parentes (SOUSA, 2016).

O gerente da Rádio Mirante afirma ainda que as tecnologias sempre favorecem as emissoras a estreitar a relação com o ouvinte:

O nosso foco principal é o ouvinte. O objetivo do telefone no estúdio não é tão somente notícia. Ele está ali motivado pelo ouvinte. Porque a emissora tem que estreitar essa comunicação. Ela tem que estar mais próxima do ouvinte. Então, quanto mais meios tivermos pra estar em contato, nós aderimos. O mais próximo que temos agora é o *Whatsapp*. O telefone, aos poucos, está sendo esquecido porque o *Whatsapp* é mais imediato e tem um custo bem mais acessível (SOUSA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo refletir sobre as mudanças no radiojornalismo a partir da incorporação de novos aparatos tecnológicos como, por exemplo, aplicativos de celulares, como o *Whatsapp*, que têm possibilitado uma maior incorporação do ouvinte à rotina produtiva do radiojornalismo.



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

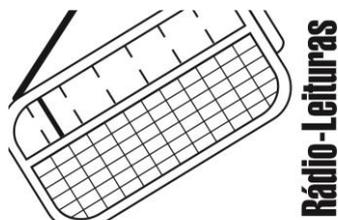
Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

Cada avanço tecnológico trouxe sua contribuição para a produção do jornalismo. Contemporaneamente, a tecnologia tem favorecido o radiojornalismo possibilitando a interatividade em tempo real e em larga escala entre inúmeros ouvintes e as emissoras. Se antes a informação dependia da chegada de uma carta à redação, hoje, depende de uma operação simples no aparelho celular, possibilitando às redações radiofônicas acesso à informação de diversos lugares, e ainda promovendo o sentimento de maior proximidade, como se o ouvinte estivesse “conversando” a todo tempo com a emissora.

Essa parceria ouvinte-jornalista pode ser um caminho para minimizar a existência de “buracos” na rede noticiosa, ao mesmo tempo em que pode representar a “entrada” na pauta jornalística de assuntos e lugares que anteriormente ficavam de fora do campo jornalístico. Mas ao mesmo tempo em que o celular conectado a internet e aplicativos como *Whatsapp* possibilitam mais rapidez à informação, a corrida pelo “furo”, que leva muitas vezes a falta de apuração, pode comprometer a credibilidade da informação e contribuir para a disseminação de informações falsas e boatos. O que leva a queda da credibilidade das notícias que chegam aos ouvintes, como também das emissoras. São muitas questões ainda a serem estudadas entre essa relação ouvinte-radiojornalismo, num momento no qual o ouvinte tem cada vez mais interesse e possibilidade de envolver-se com o jornalismo, contribuindo na construção social da realidade.

Referências

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. A Rádio Pioneira de Imperatriz-MA a Partir da Memória dos Ouvintes. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora,



integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/a-radio-pioneira-de-imperatriz-ma-a-partir-da-memoria-dos-ouvintes>>. Acesso em 01 de março de 2016.

CEBRIAN -HERREROS. 2001. La radio en la convergencia multimedia. Barcelona: Gedisa.

BIANCO, Nelia R. Del ; ESCH, C. E. 2012. Rádio digital no Brasil: análise de um debate inacabado. Revista Brasileira de Políticas de Comunicação , v. 2, p. 01.

FELICE, Mauro de. Jornalismo de Rádio. Brasília: Thesaurus Editora, 1981.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.

JUNG, Milton. Jornalismo de Rádio. São Paulo: Contexto, 2004.

KLÖCKNER, Luciano. O noticiário radiofônico como política de guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso. In: GOLIN, Cida; ABREU, João Batista. (Org.). Batalha Sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, v. 38, p. 49-72.

LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2016.

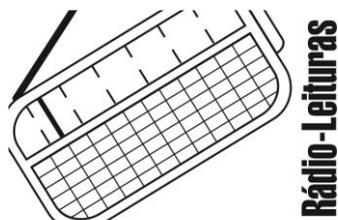
MESQUITA, Giovana. Interfiro, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo. 2014 Tese (Doutorado de Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MOREIRA, Sônia Virgínia. O Rádio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

ORTRIWANO, Gisela. A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 2a ed. São Paulo: Summus, 1985.

_____, Gisela. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. Revista USP, n.56, p. 66-85, dez-fev 2002-2003.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AIRR-7DDJD8/nair_prata_tese.pdf?sequence=1>. Acesso em 22 de maio de 2016.



A gente não quer só ouvir, a gente quer ouvir e Participar: um olhar para duas rádios maranhenses e as possíveis mudanças no radiojornalismo

Giovana Borges Mesquita, Frida Bárbara Leite Medeiros, Kellen Ayana Alves Ceretta, Kataly Alencar Trovão e Quezia da Silva Alencar

QUADROS, Mirian; LOPEZ, Debora Cristina. Rádio e redes sociais: novas ferramentas para velhos usos? Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 30, p. 166-183, jul. 2014.

REGO, W. Entrevista concedida às autoras do artigo. Maranhão, 2016.

ROCHA, Ana Luísa Carvalho da Rocha e ECKERT, Cornélia. Em "Etnografia: saberes e práticas." Artigo publicado no livro "Ciências Humanas: pesquisa e método." Porto Alegre. Editora da universidade, 2008.

SOUSA, F. Entrevista concedida às autoras do artigo. Maranhão, 2016.

VIZEU, A; MESQUITA, G. O Cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo. Revista Estudos em Comunicação. Portugal, Maio de 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-17.pdf>>. Acesso em 22 de maio de 2016.

ZUCHI, Ivan Luiz. O telefone celular e o radiojornalismo ao vivo nas emissoras AM de Cascavel. Monografia. Faculdade de Ciências Sociais de Cascavel. Cascavel, 2004.

ABSTRACT

From the first transmission in Brazil to present days, technology has changing the making of radio journalism, whether in the investigation, news production and broadcasting, or in the vehicle's relationship with its audience. Having mobility as one of its features, journalism on the radio has the chance to take a more present attitude in the field of events, especially after the incorporation of the mobile phone and, more recently, with the presence in social networks and the appropriation of applications, like Whatsapp, which allows for more flexibility in the collection and transmission of information directly from the news site in addition to the insertion of the listener in the productive routine. Thus, the objective of this article is to reflect on these changes in radio journalism in Imperatriz, Maranhão's second largest city, from the analysis of two local broadcasters.

Keywords: Radiojournalism; News; Interactivity.